

TEOLOGIA EM REVISTA

RESENHA

INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO CRISTÃ

Emílio Leocádio Jr



FAESP
FACULDADE EVANGÉLICA DE SÃO PAULO

RESENHA**INTRODUÇÃO À COSMOVISÃO CRISTÃ**Emílio Leocádio Jr³⁵

GOHEEN Michael; BARTHOLOMEW Craig. Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016. 272 p.

Com uma abordagem calcada nos conceitos bíblicos fundamentais, “Introdução à Cosmovisão Cristã” traz em seu bojo a importância de integrar a mensagem do Evangelho a todos aspectos da vida. Este maravilhoso livro é resultado do trabalho de dois cristãos piedosos: o teólogo de confissão batista Michael Goheen e o professor anglicano Craig Bartholomew.

No preâmbulo, o texto discorre sobre as experiências vocacionais e missionárias dos autores, revelando as motivações que o conduziram ao estudo apurado deste relevante tema. Dividido em nove capítulos, o livro também pode ser apresentado em três blocos distintos que abordam assuntos relacionados à cosmovisão cristã; narrativa ocidental; e a vida na interseção.

Como podemos adotar uma vida plena, mesmo estando inseridos numa cultura adversa aos valores cristãos? Essa é a questão central desta obra. Sucintamente, os autores respondem que podemos alcançar esse objetivo apenas se mantivermos a fé bíblica independentemente de qualquer cosmovisão. E alertam que o termo “cosmovisão” carrega um sentido que extrapola o conceito racional que, praticado à luz das Escrituras, assume um aspecto muito mais abrangente. Por isso, devemos ser cautelosos ao viver no limiar entre cosmovisões, pois “o evangelho não deve fazer concessões ou se acomodar à idolatria de qualquer cultura em particular” (p. 20).

Esse é contexto apresentado no primeiro capítulo, no qual o relato bíblico é abordado a partir do Reino de Deus na pessoa de Jesus contrapondo as narrativas do mundo ocidental que também reivindicam sua autenticidade baseadas nas ciências naturais. Nesse sentido, Goheen e Bartholomew postulam que o evangelho não pode ser compreendido como uma entre outras narrativas, ou ser reduzido à condição de mensagem religiosa privada. Porquanto, as Sagradas Escrituras contêm a verdade universal e autêntica tanto para as pessoas como para a totalidade da vida humana. Negligenciar essa visão significa atribuir um papel secundário às Boas Novas. Nesse contexto, a igreja tem a missão de “libertar o Evangelho de sua escravidão à cultura ocidental contemporânea” (p. 33).

³⁵ Graduando em Teologia, graduado em Pedagogia e pós-graduado em Docência no Ensino Técnico.

Mas afinal, o que vem a ser cosmovisão? No segundo capítulo, esse termo, oriundo do vocábulo alemão *Weltanschauung* ou “visão de mundo”, é definido como [...] uma enunciação das crenças básicas embutidas em uma grande narrativa compartilhada, as quais estão arraigadas em um compromisso de fé e dão forma e sentido à totalidade de nossa vida individual e coletiva (p. 52).

Com efeito, as questões fundamentais referentes à origem da vida, a existência humana e seu destino são orientadas a partir das crenças supracitadas. Assim, como o homem foi criado para adorar seu Criador, seu pensamento está voltado a Deus. Desse modo, sua cosmovisão é baseada na fé em Cristo ou na crença de um outro deus qualquer. Por conseguinte, quem não adora o Deus Verdadeiro, inevitavelmente, adorará outra coisa qualquer — um ídolo.

O terceiro capítulo contextualiza a cosmovisão cristã com a criação perfeita de Deus, no qual o homem, identificado como ápice da Criação, desobedeceu ao Criador condenando o mundo inteiro. Embora esteja caído, o mundo não está à mercê do acaso, pois ainda é mantido e sustentado por Deus. O homem — feito à imagem do Criador— tem a responsabilidade de zelar pela criação [...] em obediência ao seu chamado, assumindo as tarefas de desenvolver a sociedade e a cultura” (p. 78). Não atender a esse chamado, representaria outro ato de rebeldia, semelhante à Queda, evento que instaurou o processo de ruptura do estado anterior de coisas, ocasionando implicações que perdurarão até a consumação dos séculos.

O processo de Restauração precede a Consumação, esse outro evento denota o imenso amor do Criador ao redimir a humanidade enviando seu Filho. Os autores afirmam que “Deus não dá as costas para seu mundo rebelde; ele o abraça com amor” (p. 89)”. Ele promoveu a salvação antes mesmo de o mundo existir, revelando-a de forma progressiva, restauradora e abrangente, por meio das alianças firmadas com seu povo no decurso da história. Assim, o *shalom* original na criação humana será restabelecido e, durante este processo, a Igreja deve cumprir a honrosa missão de anunciar o Evangelho até o retorno do Rei (capítulo 4).

Enquanto o primeiro bloco define a cosmovisão a partir de parâmetros do Evangelho, o segundo objetiva demonstrar como a modernidade se distanciou dessa referência bíblica. Desse modo, o quinto capítulo descreve o surgimento da modernidade e seu desenvolvimento, pontuando as crenças que sedimentaram a cosmovisão da cultura ocidental moderna que preconizou a “morte de Deus” e passou a professar o humanismo confessional regido pelas concepções naturalista, racionalista e científica.

Essas crenças iniciam-se quando Tomás de Aquino estabelece uma estrutura dualista que compreende o mundo em dois pavimentos separando a graça da natureza. Um século adiante, houve uma releitura dessa visão e outros teólogos separaram o andar de cima do andar de baixo. Doravante, a esfera sagrada passou a ocupar o pavimento de cima e o de baixo foi dominado pela

secular. Essa reinterpretação da concepção tomista deu origem ao pensamento dicotômico secular/sagrado.

O sexto capítulo reconstitui a história do Modernismo descrevendo a ascensão do humanismo confessional que ocupa o lugar de Deus como a verdadeira luz do mundo. Nesta cosmovisão, o ser humano é reconhecido como senhor da natureza, pois, aquele que antes era “[...] adorador e servo, agora se tornara o criador (p. 133)”. Os autores também destacam a influência que a Reforma, a Renascença, o Iluminismo e as Revoluções Industrial/Francesa tiveram na construção desse pensamento.

Outrossim, figuras como Bacon, Descartes e Newton também contribuíram na formulação do ídolo do Ocidente ao qual a Europa se converteu. Essas revoluções proporcionaram avanços significativos por meio da ciência e tecnologia, contudo, neste pacote também integram pobreza, degradação ambiental, guerras e muitos problemas de ordem psicológica, sociais e econômicas. Diante do exposto os autores questionam se Deus não teria apagado a suposta luz gerada pelo humanismo confessional.

No final deste bloco, os autores procuram demonstrar o atual cenário que o mundo ocidental se encontra, apontando quatro elementos centrais: 1) a pós-modernidade, que, embora questione a razão e as ciências como detentores da verdade, nega a Criação divina; 2) a cultura baseada num sistema econômico global que incentiva o consumo exacerbado; 3) a dificuldade das igrejas ocidentais, o crescimento do cristianismo no hemisfério sul e o posicionamento da cristandade em face à pós-modernidade; 4) e, a ascensão do islamismo. Esses fatores revelam o momento de crise no Ocidente e aponta para o compromisso que a igreja deve assumir ao [...] viver na encruzilhada, na intersecção do drama das Escrituras com as narrativas de nossa cultura” (p. 189).

Os dois últimos capítulos discorrem sobre a vida cristã na intersecção, enfatizando o embate ideológico no qual duas narrativas absolutas e abrangentes se chocam. Nesse contexto, a igreja também deve cumprir seu papel missionário a fim de promover a transformação da cultura, desempenhando ações nas áreas social, política e educacional. Ademais, é necessário que o cristão adote um testemunho fiel, autêntico e inspirador que reafirme o propósito da Criação e negue a idolatria que distorceu esse propósito. Essas orientações foram reveladas nos evangelhos: Vós sois o sal da terra [...] e a luz do mundo [...] Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens [...] para que [...] glorifiquem vosso Pai” (Mt 5.13-16).

Assim sendo, é imperioso que o fiel mantenha uma postura participativa e um olhar crítico diante da realidade para identificar “algo da boa estrutura da criação divina, como também indícios de deformidades geradas pelo pecado” (p. 203). Este é o princípio norteador da cosmovisão cristã que deve ser aplicado em todas as áreas da vida contemporânea. Inclusive, os autores mostram alguns exemplos práticos aplicados aos negócios, política, esportes, arte e educação. Eles

demonstram que qualquer aspecto bom e legítimo criado por Deus pode ser desvirtuado e se tornar objeto de adoração. Contudo, quando as ações e vontade humanas estão dirigidas ao verdadeiro Deus não há espaço para a idolatria e a glória divina se manifesta.

A presente obra finaliza com um posfácio pastoral reiterando a dimensão, dificuldade e responsabilidade do crente como testemunha pública do Evangelho em meio a um mundo corrompido, dominado e distorcido pelo pecado. Goheen e Bartholomew comentam tanto essas dificuldades como suas implicações e asseveram que o cristão deve ser um despenseiro da Graça que, por meio da ação do Espírito Santo, pode enfrentar qualquer desafio e vencer as tentações onde quer que ele se encontre.

Essas considerações nos levam a presumir que “Introdução à Cosmovisão Cristã” é um livro que conduz o fiel a refletir sobre o modo de agir e viver como cristão. Esta valorosa obra possui uma mensagem amplamente fundamentada nos preceitos bíblicos e está amparada por uma reflexão crítica, capaz de alterar a percepção do leitor, induzindo-o a compreender a real dimensão de sua responsabilidade no mundo pós-moderno.

Com linguagem simples, acessível e discorrido com fluidez, esta obra se mostra bem cativante e pode ser destinada a toda e qualquer pessoa que almeje ter uma vida cristã ativa. O ponto forte da narrativa é a enorme preocupação que os autores demonstram com o processo de inculturação instaurado no cristianismo e a convicção de que apenas a força do Evangelho pode reverter essa situação.

E para aqueles que desejam ampliar o entendimento concernente ao conceito de cosmovisão, “Verdade Absoluta” de Nancy Pearcey é uma leitura recomendada, pois o pensamento dessa autora corrobora com a visão de mundo apresentada por Goheen e Bartholomew. Isso não se deve apenas pelo fato de tratarem da mesma temática com rigor e profundidade, mas principalmente por enfatizarem a dimensão e abrangência da cosmovisão cristã, demonstrando a viabilidade de aplicá-la de forma prática ao cotidiano. Ambos os trabalhos são referenciais que nos auxiliam na árdua, porém gloriosa missão de viver o Evangelho e manter o compromisso de uma vida autêntica como cristão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original: Referências, Concordâncias, Mapas. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2007.

GOHEEN, Michael W; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**: vivendo na interseção entre a visão bíblica e a contemporânea. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016. Título original em inglês: *Living at the crossroads: an introduction to Christian worldview*.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta**: Libertando o Cristianismo do Cativo Cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.